



**O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL NA  
PERSPECTIVA DE ERIK H. ERIKSON: AS  
“OITO IDADES DO HOMEM”.**

Prof. Me. Augusto J.C.B. Prado Fiedler<sup>1</sup>

No estudo do desenvolvimento humano, do ponto de vista do enfoque psicanalítico, a contribuição de E. H. Erikson (1902-1994) destaca-se pela ênfase na inserção do estudo do homem no plano das relações psicossociais. Essas relações do ego com a organização humana salientam as dimensões da crise de identidade encontrada no homem moderno. Assim, como com S. Freud, a maioria de seus trabalhos baseia-se no estudo e na prática de casos clínicos. Contribuiu com um novo dimensionamento da teoria psicanalítica, mantendo-se sempre fiel ao pensamento freudiano. Aliás, sua obra sempre confirmou a teoria freudiana como base fundamental para a compreensão do desenvolvimento da personalidade.

Erikson relaciona sua obra com a problemática do seu tempo – um mundo de mudanças caleidoscópicas tanto no plano social, como no plano econômico, entre outros. Enquanto Freud compreendeu as paixões humanas no quadro mitológico da tragédia grega, Erikson compreendeu-as nas molduras do cotidiano, na poesia e no folclore, na comédia e no drama, na moralidade e na religiosidade do homem que vive e que passa pelo seu tempo.

A ênfase de sua posição teórica está no estudo das relações do ego com a organização social e sua principal premissa reside no fato de que a pessoa possui capacidade para relacionar-se com seu

ambiente de maneira equilibrada, no sentido de assumir sua identidade em níveis cada vez mais sofisticados. A motivação básica do desenvolvimento, para Erikson é inconsciente, embora consista em afirmar uma importância mais acentuada no estudo dos processos de socialização.

Segundo Erikson os fenômenos psicológicos e as estruturas biológicas seguem um mesmo processo evolutivo, no sentido da integração de uma identidade unificada. É o desenvolvimento do ego, que determina o estado de convergência entre o organismo humano e o mundo; os comportamentos ajudam a criança a sobreviver em seu mundo, ajudam o mundo a sobreviver nela. O crescimento constitui, portanto, uma diferenciação de tarefas pré-estabelecidas ao longo de uma sequência de períodos críticos, ou seja, uma sucessão de partes integradoras da identidade de pessoa. Estas fases constituem-se em franco dinamismo, em que a pessoa nunca tem uma personalidade, mas está sempre em processo de desenvolver sua personalidade ou identidade. Cada fase se distingue por sua própria tarefa de desenvolvimento, por sua relação com fases anteriores e posteriores, pelo papel que desempenha na configuração total do desenvolvimento. Em cada fase do desenvolvimento a pessoa poderá defrontar e dominar certo problema fundamental que traduz seu dilema nesta fase. A crise subjacente do desenvolvimento é universal e cada situação particular do processo é definida culturalmente. São oito fases epigenéticas- oito idades do homem – cada uma integra um processo de realização de tarefas ou de crises relativas à identidade: à medida que a pessoa soluciona uma crise

<sup>1</sup> Professor da Universidade Guarulhos, SP. Mestre em Psicologia pela PUCSP.



está apta a passar para a fase seguinte. A solução produtiva dos conflitos de cada fase é responsável por um dinamismo ascendente na direção da maturidade psicológica, ou seja, da integração de identidade.

Cada uma das oito fases sugere uma crise vertical que culmina em sua solução psicossocial, e ao mesmo tempo, uma crise horizontal que se relaciona, do ponto de vista pessoal e social, com o problema das motivações de cada estágio maturacional. Da infância à velhice, as fases delineiam uma condição afetiva em relação à solução de cada tarefa: 1) Sentido de confiança; 2) Sentido de Autonomia; 3) Sentido de Iniciativa; 4) Sentido de indústria (produtividade pessoal); 5) Sentido de Identidade; 6) Sentido de Intimidade; 7) Sentido de Generatividade; 8) Sentido de Integridade.

Pode-se sugerir uma delimitação de faixa etária para cada uma das fases, embora este dado possua uma validade relativa às condições individuais no processo desenvolvimental e às condições sócio-econômicas-culturais que constituem o ambiente em que vive o indivíduo. Para uma sociedade moderna do tipo urbana-industrial, sugerem-se os parâmetros de idade apontados na sequência de cada fase.

A seguir serão apresentadas sínteses relativas às principais tarefas do desenvolvimento em cada uma das fases.

### **FASE I – CONFIANÇA BÁSICA**

#### **VERSUS DESCONFIANÇA BÁSICA:**

Sentido de impulso e esperança. Idade: 1º ano de vida.

Erikson apresenta o desenvolvimento humano, fundamentado nesta primeira fase, onde a aquisição de identidade nesta idade

pode muito bem ser resumida: “Eu sou a esperança que tiver e der”. É a afirmação da esperança de ser. Após a regularidade orgânica e intuitiva na satisfação de suas necessidades, no calor e no aconchego da vida intrauterina, a criança experimenta a realidade da vida em seus primeiros contatos com o mundo exterior. A convivência com a mãe traduz a convivência com o mundo. A maneira como a mãe abre seus braços para recebê-la é a maneira como o mundo abre seus braços para recebê-la. O grau de disponibilidade da mãe ou pessoa significativa na relação de cuidado, bem como, a qualidade de seu comportamento depende, até certo ponto, do apoio que ela recebe de pessoas e fatos, seu companheiro conjugal, outros membros de sua família e, em sentido mais amplo, o reconhecimento por parte da sociedade de que a família é mesmo uma instituição básica e digna de respeito.

O sentido de confiança básica se converte no tema mais crítico da primeira fase do desenvolvimento. Se as necessidades básicas são satisfeitas- alimentação, conforto no calor e no frio, higiene, calor afetivo no relacionamento com a mãe – a criança estenderá sua confiança a novas experiências. Se, ao contrário, as experiências físicas e psicológicas forem insatisfatórias – determinando um sentido de desconfiança – a criança se conduzirá de maneira temerosa frente a situações futuras. O sentido de confiança básica ajuda a criança a construir produtivamente sua personalidade e a desenvolver expectativas favoráveis à propósito das novas experiências de sua vida.

### **FASE II – AUTONOMIA VERSUS**

#### **VERGONHA E DÚVIDA:**



Sentido de autocontrole e força de vontade. Idade: de 1 a 2-3 anos.

A tarefa principal da criança nessa fase é desenvolver o conhecimento e valorização das suas capacidades e habilidades para lidar consigo mesma, no mundo. A partir da confiança em sua, em seu mundo e modo de vida, a criança descobre o processo de desenvolvimento que está ocorrendo nela própria. Afirma o sentido de autonomia. Analogamente à formulação da primeira fase, pode-se afirmar esta: “Eu sou o que posso querer livremente”. É a afirmação da vontade. Por outro lado, a dependência da criança no mundo dos adultos cria, ao mesmo tempo, um sentido de dúvida em relação às suas capacidades e à sua liberdade para afirmar sua autonomia e existir como uma unidade integrada e independente. Esta dúvida se acentua e pode causar um sentido de vergonha suscitada pela rebelião intuitiva contra a dependência e o receio de ultrapassar os limites do ambiente e os seus próprios. Para Erikson, a ambivalência de afirmar-se como pessoa e a autonegar-se o direito e a capacidade de realizar esta afirmação corresponde à crise fundamental desta segunda fase. Em resumo, a criança sente que está num mundo de adultos e que sua ação está limitada aos parâmetros já estipulados. O modo como os adultos passam esses valores do ambiente é crucial.

Durante a primeira fase – a da confiança, a mãe e a criança esforçaram-se em estabelecer uma confiança mútua e uma disposição de enfrentar, juntas, os desafios de buscar a autonomia, o autogoverno, busca encontrar o reconhecimento do seu próprio valor como ser que quer explorar e conquistar o mundo com seus próprios instrumentos de

ação. Isto pode ser visto quando pretende sozinho, alimentar-se, vestir-se, etc. O desenvolvimento passa a ter o sentido, para ela, como processo de dirigir-se pela própria vontade e de estabelecer seus próprios limites.

O controle esfinteriano é um exemplo típico dos problemas desta idade e reflete de modo relevante a questão das relações entre a criança e o mundo dos adultos e os mecanismos de regulação de seus respectivos poderes. A ação de dar e receber, entre pais e filhos, oferece ampla oportunidade aos primeiros para educar gradualmente a criança no sentido e sua independência e poderá afirmar em sua personalidade o sentimento de tolerância e segurança.

### **FASE III – INICIATIVA VERSUS**

#### **CULPA:**

Sentido de direção e objetividade. Idade: 2-3 a 5-6 anos.

Após ter reconhecido sua habilidade para lidar com o mundo e ter aprendido, em certo grau, a exercer o controle consciente sobre si mesma e seu meio, a criança avança na direção de novas conquistas num mundo cada vez mais descentralizado de si, em espaços sociais e físicos cada vez mais amplos. O sentido de iniciativa está presente na maior parte da vida da criança, na medida em que o meio ambiente a incita a executar tarefas do cotidiano, a desenvolver várias atividades e realizá-las em função de uma finalidade. A realização da gama de capacidades da criança é permitida na convicção firmemente estabelecida e invariavelmente crescente de que “Eu sou o que posso imaginar que serei”. É a afirmação da objetividade. Nesta fase, a



expectativa sobre a criança é no sentido de que assume a responsabilidade de si própria e daquilo que está englobado no seu mundo, como, por exemplo, seu corpo, hábitos de higiene e alimentação, seus brinquedos, o irmão menor, pequenas tarefas. A medida que a criança investiga e elabora fantasias a propósito da pessoa produtiva que deseja chegar a ser, consciente e inconscientemente, põe a prova seus poderes, seus conhecimentos, suas capacidades e habilidades. Dá início às formas de conduta, cujas implicações transcendem os limites de sua própria pessoa; incursiona no espaço dos outros e faz com que estes se vejam implicados em sua própria conduta. Este aspecto de comportamento apresenta à criança acentuados sentimentos de frustrações e culpas, porque a autonomia que alcançou na fase anterior do desenvolvimento é frustrada de alguma forma pelo comportamento autônomo separado dos outros, que, nem sempre concordam com o seu próprio. Começa o treino dos papéis sociais, principalmente na família. O jogo do desempenho e expectativas começa a acentuar-se, por exemplo: o pai e mãe como seus primeiros modelos de identificação social e sexual.

Em suma, o desenvolvimento nesta fase acentua que o Id, o Ego, e o Superego começam a funcionar em equilíbrio mútuo, de modo que a criança possa converter-se numa unidade psicológica, integrada e unificada: a criança começa a perceber diferenças sexuais entre as pessoas do seu ambiente; estas diferenças, associadas aos desempenhos dos papéis sociais, afetam tanto seus próprios sentimentos – impulso do id como a direção que ela deve seguir em concordância com as

expectativas sociais de seu ambiente. A criança agora empreende um período de intensa aprendizagem e níveis psicomotor, atitudinal e cognitivo, que, através de suas próprias limitações lhe abre grandes e futuras possibilidades.

#### **FASE IV – INDÚSTRIA VERSUS INFERIORIDADE:**

Sentido de capacidade e produtividade pessoal. Idade: de 6-7 a 11-12 anos.

A luta para explorar e conquistar o mundo põe a criança em contato dinâmico com uma avalanche de novas experiências. Ela compreende que necessita encontrar um espaço entre os indivíduos de sua idade, pois, com seu modo característico de pensar e agir, não pode aspirar à ocupação do mesmo espaço em igualdade com os adultos. Dirige, portanto, suas energias no sentido da solução de questões cruciais concernentes ao seu grupo. O tema importante dessa fase reflete a determinação da criança de realizar com êxito as tarefas que a vida lhe propõe. A contribuição da idade escolar para um sentido de identidade pode ser expressa nas palavras: “Eu sou o que posso aprender a realizar com o trabalho”. É a afirmação da competência e da produtividade pessoal. A comparação flagrante de suas limitações frente ao poder de realização dos adultos desenvolve na criança um sentido de improdutividade pessoal. Para isto a criança deverá sentir-se aceita e valorizada e com amplas oportunidades, na família e na escola, para manifestar suas capacidades e habilidades de explorar e transformar o mundo. Ao mesmo tempo em que aprende a manipular os instrumentos e os símbolos, aprende também



que, através destas habilidades, pode realizar sua competência. Esta fase coincide com o estágio da inteligência operacional concreta.

#### **FASE V – IDENTIDADE VERSUS DIFUSÃO DE IDENTIDADE:**

Sentido de definição e fidelidade consigo mesmo. Idade: de 11-12 a 20-25anos

Uma das principais tarefas nesta fase do desenvolvimento traduz o esforço de integrar as novas realidades do organismo, em termos cognitivos e fisiológicas, ou seja, o aperfeiçoamento de estruturas abstratas e formais do pensamento e a maturação sexual, com os aspectos que significam uma realidade enquanto crianças. Interpretar e integrar estas novas realidades com o processo histórico de seu desenvolvimento constituem o grande dilema a ser enfrentado, na primeira fase da adolescência.

A definição de uma identidade social e política moral e religiosa, vocacional e profissional, sexual e afetiva, entre outras, passa a constituir uma busca constante, ansiosa e angustiante, desta fase.

Não se pode, afirma Erikson, separar o desenvolvimento pessoal da transformação social, nem separar a crise de identidade na vida individual e a crise contemporânea; uma e outra estão verdadeiramente relacionadas entre si. A formação da identidade não só é um problema vinculado ao desenvolvimento do indivíduo, mas também, uma questão sócio-cultural num mundo em caleidoscópicas mudanças.

O sentido de identidade, assim como o de superação da difusão da identidade, constituem, a bipolaridade dinâmica desta fase de desenvolvimento. De um lado, o esforço para integrar as direções internas e

externas do organismo e do meio; de outro lado, ao contrário, a difusão que conduz a um septo de instabilidade, de indefinição, em meio a confusas expectativas internas e externas. Esta bipolaridade deve resolver-se no período da adolescência, para que se previna perturbações transitórias ou duradouras na vida adulta.

A confiança anterior do jovem púbere em seu próprio corpo e o domínio de suas funções se veem bruscamente ameaçadas; necessita buscar um novo equilíbrio à partir de uma reavaliação de si mesmo. A atividade social com seus pares, que também se encontram em estado de mudança e necessitados de afirmação, é destacada neste período. As principais mudanças determinadas pela maturação transformam, invariavelmente, a dinâmica do id-ego-superego. É necessário agora incorporar novas forças psicológicas, onde a maioria delas é oriunda do Id. Os fatores antes constituíam impulsos psicossociais em estado de latência ou sublimados exigem agora a atenção total do adolescente. O desejo de realização sexual com um companheiro do sexo oposto não pode ser interpretado como impróprio, porque estes impulsos derivam fisicamente de uma fase maturacional avançada, que é a fase genital, segundo Freud. Corresponde ao ego adolescente, o papel de buscar equilíbrio entre o id púbere, e o superego recém-transformado.

No período da adolescência o Ego realiza uma síntese gradual do passado e do futuro, realizando-a num presente que integrará novas identidades nos planos psicossocial, cultural, econômico, religioso, moral, etc.

Este período de moratória após a infância é importante para que a pessoa possa



integrar-se gradualmente na idade adulta. O jovem vive crises parciais de identidade antes de adotar decisões integras.

A atividade lúdica, assim como fora desenvolvida na infância, não tem mais tanta importância como função primária do ego. A representação de papéis e o exagero das verbalizações desafiadoras são formas de jogo social e um substituto do jogo infantil. No adolescente saudável uma grande dose de fantasia vem acompanhada de mecanismos heroicos que permitem ele aprofundar-se em perigosos espaços de fantasia ou de experimentação social, e ao mesmo tempo, tolher tudo isto repentinamente e distrair-se com a companhia de outros, com os esportes, com a música, etc. Este jogo social inclui principalmente atitudes e papéis de significado adulto, como conduta ocupacional, afetiva, entre outras.

O adolescente seleciona dentre os modelos que tem à sua mão, seus adultos significativos, as pessoas que são mais importantes para ele; esta significância está em função das influências anteriores ou nas relações atuais. Nestes grupos incluem-se seus pais, professores e outras pessoas conhecidas que lhe inspiram confiança. Outros modelos são também importantes, como por exemplo: o líder religioso de sua comunidade, o jogador de seu time favorito, a artista da TV, o professor, etc., como fontes de referências de valores e conduta.

#### **FASE VI – INTIMIDADE VERSUS ISOLAMENTO:**

Sentido de afiliação e amor produtivo. Idade: de 20-25 a 30-35 anos

Tendo alcançado uma relativa identificação consigo próprio no que tange à

sua vocação e vida profissional, à sua religiosidade, à mediação com os valores vigentes sociais, culturais, morais, políticos e outros, o adolescente começa a vencer suas defesas egocêntricas, narcisistas e onipotentes e busca estabelecer laços profundos com sua comunidade através das amizades e solidariedade. É a busca de uma base de confiança para construir seu mundo atual.

O tema fundamental do desenvolvimento passa a girar em torno da atitude de disponibilidade aos compromissos de mútua intimidade. As amizades, o namoro, o casamento e as relações estáveis começam a ter significados em sua vida no sentido de que estabelecem as bases de uma vida saudável em conjunto com o próximo. Se superada relativamente à crise de identidade, o amor romântico cede lugar ao amor produtivo em que as relações humanas se caracterizam principalmente pelo respeito à liberdade e dignidade da pessoa, pela responsabilidade consigo mesmo e com outros, pelo desvelo no relacionamento e pela identificação profunda com os semelhantes.

Citando Freud, a pessoa que deseja demonstrar capacidade para realizar uma vida adulta saudável mediante sua capacidade para “lieben und arbeiten” (amar e trabalhar), busca a realização de uma vida personalizada que lhe garanta uma identidade individual na intimidade com os outros. “Amar”, significando tanto a generosidade na intimidade como o amor erótico e “trabalhar”, significando uma produtividade geral do trabalho que não submetesse o indivíduo ao ponto em que pudesse perder o seu direito ou capacidade para ser uma criatura livre e amorosa. A superação da crise adolescente requer um



sentido de identidade, enquanto a superação desta fase da vida adulta exige concluir experiência de identidade “compartilhada”. Os jovens adultos procuram experienciar uma íntima unidade com sua realidade social, do contrário, sentir-se-ão isolados. O amor e o trabalho, quando produtivos, estabelecem as bases da confiança para que os jovens construam seu mundo de adultos e tracem suas perspectivas.

### **FASE VII – GENERATIVIDADE**

#### **VERSUS AUTO-ABSORÇÃO:**

Sentido de produção e cuidado –  
Idade: de 30-35 a 55-65 anos.

Nesta fase desenvolve-se o sentido de criação, justamente com o de paternidade do objeto criado. É homem que cria e assume a criação com atitudes responsáveis. A criação de uma nova unidade baseada na confiança e na intimidade mútua inclui a preparação de um lugar para iniciar uma nova fase de desenvolvimento mediante a divisão do trabalho e da convivência. O encontro conjugal sadio é a base que permite operacionalizar o cuidado com o desenvolvimento de novas gerações. A criação não tem só o sentido de “criar filhos”, mas também, de criar ideias que devem se transformar em ações produtivas. Nesta fase do desenvolvimento adulto, o homem age sobre o mundo para recriá-lo (filhos, ideias, ações) e para manter e transmitir o resultado às novas gerações. Desta forma, o adulto sadio transmite às gerações que se seguem as esperanças, as virtudes e a sabedoria que ele acumulou com sua experiência.

A vida de cada indivíduo implica num processo que identifica o amor por seus filhos (sentido universal da paternidade

responsável), por seu trabalho e por suas ideias. Sua vida, personalizada e criadora, e sua comunidade precisam converter-se em uma unidade. Nem sempre, porém, o indivíduo tem a oportunidade de realizar-se neste sentido produtivo de generatividade. Neste caso, volta contra si mesmo, num processo de autoabsorção, que o separa de si mesmo e de sua comunidade, fazendo ocorrer sintomas como a falta de esperança, o insulamento na família e na comunidade, processos patológicos tais como o alcoolismo, as toxicomanias, a apatia, etc.

Nesta fase da vida adulta, cada indivíduo admite ou refuta o desafio de aceitar a nova geração como sua própria responsabilidade e de assegurar-lhe a confiança baseada na primeira fase do desenvolvimento humano. Estender a mão no sentido de que as novas gerações possam confiar na fidelidade do cuidado oferecido traduz a principal tarefa da vida adulta.

### **FASE VIII- INTEGRIDADE VERSUS**

#### **DESESPERO:**

Sentido de tolerância e sabedoria.  
Idade: de 55-65 anos em diante.

Na medida em que o adulto assegura o desenvolvimento de nova geração – generatividade – realiza a perspectiva mais complexa de seu próprio ciclo vital: desenvolve o sentido da integridade. O sentido da confiança básica alcança seu grau mais pleno através da segurança e da fidelidade com respeito à integridade do outro.

Olhar para trás no tempo e constatar o que foi semeado e colhido, num balanço de conquistas e derrotas, de lutas e frustrações e, ao mesmo tempo, olhar para frente e deparar-se com o futuro inusitado, pode bem ilustrar o



que acontece quando a idade avança no tempo da senescência.

A síntese do passado e do presente, na perspectiva do futuro, pode levar o homem a desenvolver, de um lado, o sentido de integridade, dado na medida em que tenha se identificado consigo e com o mundo, superado o isolamento e se tornando íntimo e generativo; de outro lado, o sentido de desespero relacionado com a difusão de identidade, a negação da intimidade e da experiência do amor. Na primeira hipótese, a morte, pode representar a transcendência do próprio sentido de viver e renascer, sem medo - com a aceitação do seu momento histórico, sem revolta ou desespero; na segunda hipótese, pode representar o fim, sem chance de renascer - com medo e com um sentimento de revolta frente ao tempo que passa - o desesperado fim.

Desta forma o primeiro tema do desenvolvimento se converte no último e ao mesmo tempo se evidencia que o tema final possui raízes no primeiro.

A integridade repousa na aceitação do ciclo da vida individual e coletiva da humanidade, ou seja, refere-se a um sentido de sabedoria e a uma filosofia de vida que transcende o ciclo vital do indivíduo e relaciona-se aos futuros

ciclos do desenvolvimento - ligados à evolução da humanidade. A este propósito, Erikson afirma que "as crianças sadias não temerão a vida, se seus pais possuírem uma integridade suficiente para não temer a morte".

O sentido de integridade revela um amor pós-narcisista do ego humano "como experiência que transmite uma certa ordem e sentido espiritual do mundo, não importa o que isso tenha custado".

E H. Erikson, como um dos personagens mais importantes no campo dos estudos psicanalíticos, aborda o estudo da dinâmica de personalidade com uma visão que reflete a síntese da história do homem individual e da humanidade. Sua obra, por não constituir uma teoria consumada, oferece aos estudiosos amplas possibilidades de reflexão sobre o complexo processo do desenvolvimento humano.

---

**NOTA:** Para conhecer mais, consulte:

1. Erikson, E. H. **Identidade: juventude e crise.** Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1987.
2. Erikson, E. H. **Infância e sociedade.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.